

APRESENTAÇÃO

Novas velhas tecnologias: usos pedagógicos para a educação estética e a formação de sensibilidades nos processos de escolarização

Eduardo Galak (UNLP, Argentina)

Hamilcar Silveira Dantas Junior (UFS, Brasil)

Ivan Pablo Orbuch (UNAHUR, Argentina)

Nos últimos anos, o campo da história da educação vem ampliando de modo acentuado seus interesses, paulatinamente deslocando sua disposição de interpretar a centralidade das políticas públicas e do sistema educacional para incorporar outros horizontes atravessados pelos processos históricos de formação. Dentro do conjunto dessas novas e renovadas perspectivas encontramos na reflexão sobre o uso de tecnologias no universo educacional um tema que, além de se apresentar como uma relativa novidade, permite interpelar sentidos associados às políticas, aos sujeitos e às suas sensibilidades.

Em diversos momentos da história, as tecnologias educacionais significaram a possibilidade de colocar novos dispositivos a serviço da escola, geralmente como um ensino auxiliar, enfatizando os sentidos clássicos como o papel dos professores, a configuração do currículo ou a centralidade dos conteúdos a pedagogizar. Nesses contextos, interpretados como instrumentos de uma formação específica de sensibilidades (geralmente conservadoras), os dispositivos tecnológicos serviram como mais uma engrenagem do maquinário disciplinar do Estado.

É sabido que, entre as determinações de governo e o âmbito da prática cotidiana escolar há um abismo composto de usos, apropriações, resistências e ressignificações dos sujeitos que participam desses processos. Exatamente nessa lacuna encontra-se o conjunto de textos coletados no dossiê “*Novas Velhas Tecnologias: usos pedagógicos para a educação estética e a formação de sensibilidades nos processos de escolarização*”,

tentando introduzir os leitores às disputas que, contemporaneamente, surgem entre o novo e o velho, entre o moderno e o tradicional, entre o pedagógico e a fascinação.

Dentro deste cenário, as *novas velhas tecnologias* apresentam distintas formas em diferentes países, incluindo tematizações desde a imagem, a educação estética, as inovações tecnológicas e seus usos “corretos”, a formação dos corpos, como o centro de suas preocupações. Este dossiê reúne, precisamente, a interpelação dos usos de tecnologias educacionais e de diversas políticas em contextos históricos de países tão díspares quanto Argentina, Brasil, China, Colômbia, França e México. Podemos pensar em ler a grande rede emaranhada de artigos aqui presentes em suas peculiaridades micropolíticas, como uma malha histórica que reflete a novidade das tecnologias como potencial pedagógico, e as diferentes tentativas de estabelecer *novos métodos* que substituam as *velhas pedagogias* por meio de dispositivos múltiplos, como o fotográfico, o radiofônico ou filmográfico.

Tomando por princípio “*As passagens*”, de Walter Benjamin, compreendemos que diante da velocidade do mundo moderno, acossado pelo desejo de renovar-se, de trazer sempre a novidade, “o novo já nasce velho” como uma eterna *maldição* de corrupção do existente pelas novidades de mercado. O campo educacional, nesse contexto, torna-se refém de paradigmas velhos, *travestidos* do signo do novo. Distancia-se de uma real imersão no mundo da cultura que torne o espaço escolar um local de questionamento e construção de conhecimento. Nesse cenário, o contato com as contemporâneas *novas mídias* audiovisuais precisa ser de confronto, de percepção de suas potencialidades, mas também de seus limites. Os estudos aqui presentes apontam nessa direção: refletir acerca de experiências históricas exitosas, experiências problemáticas, sobretudo de possibilidades de construção de alternativas pedagógicas que façam os recém-chegados ao mundo, como diria Hannah Arendt, perceberem-se como homens de seu tempo que dialogam com as tecnologias, apropriar-se delas e não ser reféns delas.

Um último ponto a registrar antes de adentrarmos em uma leitura detalhada dos artigos que compõem este dossiê: além da riqueza proporcionada pelas diferentes territorialidades que cada autor abordou, há, por sua vez, uma perspectiva interdisciplinar proporcionada por pesquisadores que não apenas enriquecem a especificidade de cada análise, mas também por causa do diálogo potencial que pode ser estabelecido entre eles. Assim, a análise de um discurso radiofônico, a interpretação das palavras publicadas em um jornal, as potencialidades do registro visual da imagem ou a reprodutibilidade mecânica que o cinema permite são temas específicos dos textos, mas podem ser constituídas como recursos gerais, como prismas para olhar a história dos processos escolares modernos, como particularidades em seu conjunto relativo.

Tecnologia para novos dispositivos

Organizar um dossiê sempre envolve uma ordenação arbitrária dos textos que o compõem. Da mesma forma, a leitura do dossiê não precisa se prender à estrutura proposta pelos organizadores: assim como os jogadores da “*rayuela*” (o jogo da amarelinha), proposto por Julio Cortazar em seu romance homônimo, podem saltar de acordo com suas possibilidades e interesses, os escritos aqui publicados podem ser lidos juntos, separada-



mente, alternadamente, ou seja, livremente. A decisão dos organizadores — outra vez, arbitrária — foi agrupar os artigos em três grandes categorias: a primeira categoria de textos reúne os que, de modo geral, refletem a relação tecnologia-educação emergindo, como denominador comum, uma percepção acerca do estético-artístico-performativo; um segundo grupo no qual se projetam estudos históricos tomando fontes audiovisuais, especialmente cinema escolar, mas também experiências inovadoras como “filme-fixes” — incorporando ao debate questões associadas à imagem e ao movimento; por fim, um terceiro grupo que reflete sobre a radiofonia educativa, tanto na produção de conteúdo de rádio quanto no potencial uso escolar desse recurso.

O dossiê abre com o artigo de Inés Dussel e Carola Corbetta, intitulado “Los repertorios visuales en la educación artística. Historia del arte, cultura visual global y currículum en las colecciones visuales de docentes argentinos”, no qual buscam explorar as imagens com as quais trabalham, atualmente, os professores da escola secundária da província de Buenos Aires. Partindo de um olhar diacrônico que pensa o passado desde o presente, as autoras lançam uma perspectiva genealógica na qual consideram as escolas como o lugar por excelência para a produção de visualidade e, com isso, exploram a cultura visual entrecruzando disciplinas, pedagogias, tecnologias e políticas educacionais. A pesquisa, desta forma, coloca seu foco na interseção entre os estudos visuais e a sociologia histórica do currículo de acordo com a contribuição de alguns intelectuais da tradição marxista que consideram que a escola é uma arena de conflitos e negociações entre diferentes atores sociais. Se, como pensava Walter Benjamin, a história é apenas uma versão possível que ressalta os tensionamentos, a leitura do texto de Dussel e Corbetta potencializa conceber o estético-artístico-performativo no contexto educacional como um *ponto de fuga* para refletir sobre os processos de escolarização e com isso, sobre a sociedade como um todo.

Em relativa sintonia, Monica Fantin apresenta, no texto “Conhecimento estético, tecnologias da sensibilidade e experiências formativas de crianças, jovens e professores”, uma reflexão sobre a história dos usos do visual e das imagens na escola brasileira. Sua contribuição permite substituir a limitação regional no estudo do uso das imagens na escola atual brasileira e pensar as generalidades e particularidades macrocontextuais e micropolíticas. A aposta política delineada por Fantin é significativa quando considera que educação, mídia e novas tecnologias podem ser entendidas como formas de obtenção da cidadania para os jovens que confluem e circulam nos sistemas educacionais. Isso significa reconhecer nas tecnologias não apenas sua mera “aplicação” no campo educacional, mas também conceber a potencialidade de construir métodos, nos quais as técnicas pedagógicas e tecnológicas percorram um caminho que exceda a função de instrumento.

Juliana Enrico fecha o primeiro conjunto de artigos no qual, diante das problemáticas ambientais, extrai do trabalho “*Paisaje crítico*”, uma reconstrução de narrativas visuais e como esta reconstrução permite formar sensibilidades “sócio-bio-ecológicas”. Através de uma visita feita por professores e alunos de uma escola à amostra fotográfica de Gabriel Orge, a autora propõe decifrar os significados políticos que o visual pode ter nos processos de escolarização. A exposição faz parte de um projeto internacional de uma videoinstalação coletiva onde se buscam visualizar os efeitos atrozés do capitalismo. O



que é relevante, no caso da exposição realizada na Argentina por Orge, é que ela foi realizada em Córdoba, que é um local onde as consequências da destruição do meio ambiente são óbvias. A educação torna-se uma experiência de reflexão, dotando-a da possibilidade de fazer múltiplas leituras do mundo contemporâneo através de imagens.

O segundo bloco de artigos, versando sobre o uso de recursos audiovisuais para fins educacionais, se abre com o texto de Kaiyi Li, intitulado “A failed circulation: the Montessori method and teaching materials in Republican China (1912-1949)”, que tematiza sobre o fracasso da tentativa, na primeira metade do século XX, de incorporar novos métodos e seus materiais didáticos correspondentes na educação chinesa. Expondo a profunda tensão Ocidente-Oriente e seus vários diálogos ocorridos em diferentes contextos, a autora descreve como o uso de novas tecnologias de ensino na China reflete um debate entre o tradicional e o moderno, especialmente visível em uma sociedade relativamente conservadora. O análise de Kaiyi Li nos permite interpretar uma constante subterrânea em todas as pesquisas apresentadas ao longo do dossier: baseados nos discursos nacionalistas, o uso educacional das tecnologias mostra a forte presença estatal, o que não descarta um certo sentido transnacional, que excede as territorialidades educacionais dos países.

Retomando os olhares sobre a América Latina, o texto de Maria Rosa Gudiño Cejudo analisa os usos do Cine Educativo da Secretaria de Educación Pública (SEP) do México no período de 1920 a 1940. Um período no qual se destacam, particularmente, as propostas surgidas após a Revolução Mexicana de 1910, contexto em que os diferentes usos das imagens foram estimulados por José Vasconcelos, primeiro Secretário de Educação. Uma proposta profundamente engajada no serviço de formação e alfabetização de uma juventude trabalhadora, consciente de sua condição social através da arte. Buscando superar a influência do cinema estadunidense e seus estereótipos do povo mexicano, a SEP sistematizou tentativas educativas com o uso de oficinas de cinema, palestras e conferências a partir dos filmes, além da incipiente produção de filmes com apoio de cineastas e empresários. Foi uma verdadeira cruzada alfabetizadora, na qual o cinema desempenhou um papel importante. Ao longo do período essa tendência se enfraqueceu, mas as experiências pedagógicas do cine educativo da SEP continuam a instigar a reflexão histórica daquele momento, assim como lançar luzes a novas possibilidades de uso dos filmes no campo educativo.

Na mesma seara, desta feita na Colômbia, segue o texto de Yamid Galindo Cardona acerca dos usos cinematográficos na educação colombiana. Expondo como o cinema revestiu-se de uma função social e educacional a partir de políticas estatais e campanhas complementares em algumas regiões do país, o autor trabalha com a ideia da cinematografia como dispositivo cultural de exibição. Galindo Cardona escolhe para a sua reflexão um recorte temporal longo, no qual parte das primeiras crônicas do início do século, passando pelas possibilidades pedagógicas do projeto educativo e cultural da República Liberal entre os anos trinta e quarenta, as atividades de divulgação da *Gran Colombia Films* nos anos cinquenta, e o cinema educativo rural do Estado nos anos setenta do século XX. Reconhece que a imprensa teve um papel essencial no reconhecimento do cinema como espetáculo em sua inserção com a história e a literatura, que as políticas estatais estavam amparadas em uma ideia de cultura popular que se consolidou com o cine



móvel rural, sobretudo que estas experiências podem se configurar como patrimônio audiovisual do povo colombiano. A junção cinema e educação promoveu um autêntico esforço de aprendizagem estético vinculado a uma mensagem político-educativa.

Na sequência, o texto de Fernanda Franchini e Diana Gonçalves Vidal nos transporta ao Brasil dos anos de 1960 para acompanharmos a uma experiência em particular: a trajetória da professora Ilka Brunhilde Laurito, primeiramente como diretora do Departamento de Literatura no Centro de Ciências Letras e Artes (CCLA) na cidade de Campinas, São Paulo, e depois como fundadora e diretora da Seção Infante-Juvenil da Cinemateca Brasileira. Com um percurso de formação acadêmica no campo educacional, mas como uma apaixonada por cinema, a Professora Ilka Laurito organizou projetos inovadores pautados no uso do cinema como expressão artística e meio de estudo da psicologia educacional. Seu “cineclubes experimental” na cinemateca e na Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo, baseou-se em três movimentos pedagógicos: a formação de um acervo fílmico e bibliográfico, a promoção e participação de cursos e simpósios que tratassem das relações entre infância e cinema, e a difusão do cinema como parte de projetos educativos. Sua itinerância pedagógica com o projeto dos cineclubinhos promoveu exposições de filmes em outras escolas, estabeleceu contato com filmotecas públicas e privadas, consulados e empresas de exportação/importação, cinematecas e cineclubes buscando filmes e outros materiais para estudo e exibição. Sua experiência entre os anos de 1961 e 1964 ainda concretizou um projeto de inserção do cinema como parte do currículo escolar, ao menos em uma instituição paulista, servindo como referência histórico-educativa até a presente data.

Fechando esse segundo bloco de artigos sobre experiências pedagógicas com o audiovisual, Gianfranco Ruggiano converge a um estudo sobre as intervenções educativas sobre o corpo e a higiene escolar com base nos denominados “films fixes”, armazenados no *Centre d’Etudes, de Documentation et de Recherches en Histoire de l’Education* (CEDRHE), da Faculdade de Educação, na Université de Montpellier. Os “films fixes” são películas que diferem dos negativos fotográficos, porque apresentam o “positivo” das imagens, já prontas para sua projeção. Suas imagens variam entre 20 e 80 por rolo que colocado em um projetor permitia a expansão das imagens para exibição em sala de aula. Dadas às peculiaridades metodológicas de uso dessas fontes, o texto nos apresenta imagens que auxiliam na compreensão desses esforços socioeducativos realizados na França de meados do século XX. O uso desse material foi associado à busca pela renovação dos modos de ensino e incorporação de novas metodologias de ensino que, segundo o autor, resultou em todo um conjunto de noções sobre o corpo, higiene corporal, roupas, alimentação e prática de exercícios físicos *a posteriori*.

O terceiro e último bloco de trabalhos está calcado na produção de conteúdos e veiculação de saberes através da radiofonia educativa. Abre esse espaço o texto das professoras Leide Mara da Conceição Cota e Ana Maria de Oliveira Galvão sobre a programação da Rádio Inconfidência, de Minas Gerais, entre os anos de 1936 e 1945. A pesquisa das autoras aponta que a rádio contribuiu, por meio da educação, da saúde e da música na formação de uma identidade nacional brasileira sob uma estética civilizatória y modernizadora. A Rádio Inconfidência, de origem estatal, tinha por finalidade orientação intelectual e instrutiva da população mineira por meio de sua programação. Próprio das



contradições do período, a saber, a ditadura imposta por Getúlio Vargas até 1945 que extinguiu direitos políticos, recrudescceu a censura e o controle dos meios de comunicação, a emissora transitou entre a música popular e erudita, conjugando-as em um sentimento de pertencimento à coletividade nacional. Diante de um projeto de Estado-nação em vi-gência, a Rádio Inconfidência visou contribuir com a coesão social através da formação do homem brasileiro de um ponto de vista estético, físico e moral.

Por fim, o estudo de Eduardo Galak e Ivan Pablo Orbuch centra-se na criação, em 1949, do Departamento de Radioenseñanza y Cinematografía Escolar, pertencente ao Ministério de Educação da Nação. Criado em meio ao governo de Juan Domingo Pe-rón na República Argentina, o Departamento sintonizou-se com o projeto peronista de identidade argentina. Por meio da produção de programas de rádio educativo e sua divulgação na Revista Noticioso, a radiodifusão tornou-se uma poderosa aliada pedagó-gica, introduzida no cotidiano escolar e contribuindo para estender a ação do professor ao plano recreativo, retirando-o de um sentido tradicionalista e colocando-o no registro do inovador, do moderno. Com isso, as narrativas radiofônicas tornaram-se, por meio de Programas com conteúdo “especial” histórico ou diverso por disciplinas, fecundas fontes de afirmação da identidade argentina e latino-americana.

Aqui então fecham duas questões que aparecem progressivamente no conjunto que conforma o dossiê: a utilização da tecnologia como recurso pedagógico, por um lado, não foi uma política original em nenhuns dos países analisados, embora tivesse sido apresentada como novidade governamental por diferentes nações, e, por outro, se apoia-va em outros dispositivos didáticos “tradicionais”, como os livros curriculares, as revistas educativas ou os jornais de circulação massiva. Dito de um modo mais direto, inclusive com experiências mais “micro” como Franchini ou Enrico apresentam, parece-nos que o desenvolvimento de uma tecnologia educacional esteve atado ao apoio político estatal, geralmente adornado com significações modernizadoras, de aparências inovadoras que apenas tingiram o velho dessas novas e vistosas roupagens.

* * *

Desejosos que as contribuições acadêmicas aqui expostas, fruto de densos estudos, oportunizem aos leitores assistirem, ouvirem, refletirem e deleitarem-se com múltiplas possibilidades de educar e formar crianças e jovens por meio do estético. Geralmente desdenhado e subestimado, o convite é para pensar novas formas de educação das sen-sibilidades, que não desconheçam o decorrido, mas que construam desde as ruínas do passado, novas possibilidades reais de avanço. Esse desafio nunca é tão moderno que não mereça olhar para o passado, muito menos tão presente e passado que não exija a projeção para futuros consequentes e comprometidos socialmente.

Boa leitura a todos!

